

**CONFLUÊNCIAS DA LATINO-AMERICANIDADE NA ANTOLOGÍA POÉTICA
BILÍNGÜE DE NARLAN MATOS**

Adenilson de Barros de Albuquerque – IFPR¹

RESUMO: A proposta deste artigo é realizar uma exposição crítica sobre a *Antología poética bilingüe* (2016) do poeta Narlan Matos, publicada pela Maolí Editorial, como parte da *Colección Novo Mundo*. Nesta edição, ilustrada por Juan Carlos Mestre, ao lado dos originais em português estão as traduções para o espanhol, assinadas por José Ángel García Caballero. A *Antología...* traz uma seleção de poemas construída a partir dos livros *Senhoras e senhores: o amanhecer* (1997), *No acampamento das sombras* (2001), *Elegia ao Novo Mundo* (2012) e de poemas inéditos (2012-2016). A análise comparativa suscitada com a leitura de originais e traduções escolhidos, dar-se-á a partir de textos paratextuais presentes na própria obra, e de pressupostos teóricos voltados às confluências literárias na América Latina, às dívidas, destruições, criações, etc., na relação de reciprocidade, em alguma medida, com o mundo ibérico, em suas projeções passadas e presentes. Na segunda década do século XXI, temos nessa *Antología...* o exemplo de olhar europeu, espanhol, para um poeta latino-americano, brasileiro, cuja língua está solitária entre os países hispano-falantes do continente. Todos esses indicativos são, no mínimo, instigantes e provocativos de visitas à nossa história colonial e pós-colonial, para as representações atuais de um contexto que, se não melhor, se mostra ao menos na sugestão de alternativas positivas para os diálogos entre Europa, Brasil e América hispânica, no âmbito literário, cultural e educacional.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; América Latina; descolonização.

1 INTRODUÇÃO

A poesia de Narlan Matos está traduzida para diversos idiomas e vem merecendo leituras relevantes de críticos em todo o mundo, como podemos verificar na página oficial do autor na internet². Dentre as apreciações sobre sua obra, está a *Antología poética bilingüe* (2016) publicada na Espanha pela *Colección Novo Mundo*, da Editorial Maolí. Diante desta publicação, nosso objetivo é destacar, num capítulo intermediário, uma breve leitura comparativa entre poemas originais e poemas traduzidos. Nas considerações finais, esperamos reafirmar alguns pontos referentes à importância dessa obra para o contexto latino-americano.

¹ Mestre em Letras. Professor no Instituto Federal do Paraná/campus Umuarama. E-mail. adenilson.albuquerque@ifpr.edu.br

² Conferir a página do autor em <http://www.narlanmatos.com/>

2 A PROPÓSITO DA ANTOLOGÍA...

Não precisamos ir muito além dos textos de apresentação e explicativos que, na composição da antologia ora em análise, antecedem as páginas dedicadas aos poemas – os quais, em língua portuguesa no original, estão acompanhados da respectiva versão em língua espanhola – para estabelecermos a proposta de leitura norteadora do presente artigo. O primeiro destes textos, na função de introdução editorial, intitula-se *Narlan Matos por primera vez en España*. Leiamos um fragmento:

Nuestro interés en traducir sus poemas al español y en querer darle el reconocimiento que merece su destacada trayectoria es consecuencia del descubrimiento que supuso para nosotros leer su obra. Desde luego descubrimos a un autor poco común y una labor poética amplia, variada y en continuo crecimiento. Y así ha sido reconocido por la crítica americana y europea que ya ha señalado la importancia universal de su producción poética. (2016, p. 11).

Chama-nos a atenção o interesse em dar reconhecimento a uma obra de destaque recém descoberta. Não podemos desconsiderar a voz europeia, espanhola, que enuncia essas palavras. Ela refere-se a um poeta latino-americano cuja herança histórica e cultural não pode ser desassociada da problemática colonial e de suas consequências estabelecidas durante séculos de imposições, perdas e encontros, característicos de nossa sociedade ricamente híbrida, porém diminuída sob discursos hegemônicos. A ressonância desse discurso está, especialmente, na intencionalidade de se abraçar a obra poética, levando-nos à ideia de que ela terá o devido relevo a partir de sua repercussão no âmbito europeu canônico. Receber o reconhecimento pela qualidade literária, assim, passaria pelo crivo peninsular, pela apreciação e aprovação do espaço matriz, colonizador.

O autor e seus poemas são vistos como entidades em constante crescimento, além de se reforçar a relevância e reconhecimento universais de sua produção poética. Estas informações reproduzem, realmente, a condição de um escritor aplaudido em vários países mundo afora. Há muitos anos radicado nos Estados Unidos, Narlan Matos publicou seus livros no Brasil, sendo o mais recente *Um alaúde, a península e teus olhos negros* (2017). A crítica nacional, entretanto, está aquém da ampla repercussão estrangeira que o poeta vem tendo em traduções,

homenagens, leituras críticas e convites para apresentar pessoalmente sua obra. Nosso parêntesis em relação ao trecho mencionado acima, portanto, divide-se entre o tom “paternalista” da nota editorial e sua correta apreciação no que diz respeito à trajetória do poeta e sua literatura.

O segundo momento que pretendemos explicitar está no prólogo *La nave va...*, assinado por Juan Carlos Mestre, quem, além de assinar as belas ilustrações presentes na *Antología...*, define a obra de Narlan Matos como “[...] *una poética del reconocimiento, del hacerse cargo de la condición de soledad que embarga a un otro ante el absoluto de su otro ser semejante, su reflejo en la radical igualdad de su peripecia civil y las ensoñaciones de cuanto deviene en fracaso*”. (2016, p. 15). Aqui temos a voz de um leitor experimentado que se aproxima do conteúdo e da sensação causada pela poesia, sem cair nas nuances mercadológicas e colonizantes do texto anterior. Juan Carlos Mestre olha para características marcantes do poeta brasileiro ao propor, numa condensação de palavras, a existência de “uma poética do reconhecimento”.

A expressão lírica de Narlan Matos passa pela condição de solidão de quem esteve por muito tempo distante de sua terra natal, sem deixar de compreender sua necessária missão de caminhante para se encontrar nos espaços do ser e do mundo. Das suas viagens e de seus encontros introspectivos, entremeados por leituras e experiências profundas com as situações que o cercam, parecem emergir visões de si e das pessoas, especialmente situadas perante as cruezas das sociedades, da memória e, é importante que não se esqueça, do amor às suas recordações, mesmo que, por vezes, dilacerem os encantos em relação à condição humana.

Seguimos com os textos iniciais que amparam a *Antología...*, agora com a leitura de um fragmento da *Nota del traductor*, José Ángel García Caballero, na qual aparece o seguinte: “*El proceso de traducción de esta antología ha lidado con este escenario de múltiples imágenes y estructuras, buscando que el poema creciera en libertad como si hubiera sido escrito en castellano*”. (2016, p. 27). Mais adiante o tradutor adverte que, à margem do léxico específico, seu trabalho consistiu em “[...] *interiorizar el ritmo de la poesía de Narlan Matos para tratar de transmitírselo a la lengua de llegada*.” (2016, p. 27). Concordamos com a evidenciação das múltiplas imagens e estruturas presentes nos poemas traduzidos. Daí afirmar que, na

interiorização do ritmo, chegar-se-ia ao que o tradutor chama de crescente liberdade como se o poema tivesse sido escrito em castelhano, parece-nos no mínimo perigoso. Esta, e outras hipóteses escolhidas, serão demonstradas em nossas análises subsequentes.

Em primeiro lugar, neste breve percurso por alguns fragmentos ou poemas completos escolhidos, voltemos a atenção a alguns versos do poema Honduras, e sua correspondente tradução:

[...]
Não há porto seguro que segure um céu estrelado.
Eu sei.
Vou acabar me encontrando comigo numa hora dessas.
Numa esquina de um lugar qualquer. (MATOS, 2016, p. 40).

[...]
No hay puerto seguro que asegure un cielo estrellado.
Lo sé.
Voy a acabar encontrándome conmigo en una de esas horas.
En una esquina cualquiera de algún lugar. (MATOS, 2016, p. 41).

A especificidade deste trecho remete-nos a ideia de “solidão” e de “cidadão do mundo”, em alguma medida apontada nas linhas anteriores, referente ao poeta cuja trajetória revela-se também na enunciação do eu lírico. Na comparação texto original/texto traduzido notamos a proximidade entre as línguas e pequenas mudanças na ordem de algumas palavras, sem, contudo, encontrar na versão espanhola, prejuízo sobre a superficialidade do nível semântico em português. Podemos afirmar que, no poema em questão, a interiorização do ritmo foi atingida sem prejuízos advindos da marginalidade indicada pelo tradutor, em relação ao léxico específico. A manutenção de um aspecto poético em detrimento de outro, todavia, podem afetar características primárias e levar o leitor a entendimentos equivocados da obra que se dispõe a conhecer.

Um caso que poderíamos chamar de menos grave acontece no poema Cárcere, do livro *Senhoras e senhores: o amanhecer!* (1997), e sua tradução Cárcel:

Cárcere

Lá fora alguém tenta me dizer alguma coisa
Que pena, não consigo escutar

Cá dentro tudo é vazio

I SEMINÁRIO
DE PRÁTICAS DE ENSINO
DE LÍNGUAS E LITERATURAS
NO ÂMBITO DO PARFOR

E eu vago na vastidão de uma saleta
Me debatendo em vão

Lá fora o azul do céu não chega a meus olhos

Se houvesse mais vida aqui dentro
Haveria mais vida lá fora

Entre cá dentro
E lá fora
Há apenas uma janela
Alta demais

Cá dentro sou eu
Em quatro paredes (MATOS, 2016, p. 58).

Em seguida, a tradução:

Cárcel

*Allí afuera alguien intenta decir alguna cosa
Qué pena, no consigo escuchar*

*Aquí adentro todo es vacío
Y yo vago por la vastedad de una salita
Debatiéndome en vano*

Allí afuera el azul del cielo no llega a mis ojos

*Si hubiese más vida aquí adentro
Habría más vida allí afuera*

*Entre aquí adentro
Y allí afuera
Hay solamente una ventana
Demasiado alta*

*Aquí adentro soy yo
Entre cuatro paredes (MATOS, 2016, p. 59).*

A expressividade poética desse poema é outro aspecto revelador da produção literária de Narlan Matos, em momentos de explorar nossa condição humana contemporânea, condenada a prisões físicas e pessoais, diante das contradições cotidianas. Na particularidade da tradução, contudo, o que trazemos como marca menos grave, antecipação de outra mais séria em poema posterior, está presente no uso do verbo “*decir*”, no primeiro verso, e na preposição “*Entre*”, no último verso. No poema original, a partícula “*me*” no primeiro verso indica que

28 A 30 SET 2017

UNIOESTE - CAMPUS CASCAVEL

“alguém lá fora” tenta dizer algo especificamente ao eu lírico. Na tradução, a falta desta partícula prejudica a significação do verso ao não indicar a quem alguém lá fora tenta dizer alguma coisa, retirando o compromisso do eu lírico sobre o que se diz lá fora. No último verso, ocorre o contrário: a tradução especifica algo que, no original, acarreta mais possibilidade interpretativas. Ao propor que o eu lírico está “Entre” quatro paredes, a localização é determinada e retira a inquietação causada pelo uso de “Em” que, no poema em português, transcende a definição de lugar.

As escolhas lexicais referidas acima são agravadas no poema intitulado E-mail cujo verso “Já são quase vinte e quatro horas que a gente não se vê” (MATOS, 2016, p. 72) está traduzido por “Ya hace casi veinticuatro horas que la gente no se ve” (MATOS, 2016, p. 73). “A gente” por “la gente”, apesar da semelhança, a exemplo de muitas outras palavras que nos levam a cometer equívocos entre um idioma e outro, pressupõem noções semânticas diferentes. Enquanto em português “a gente” é uma maneira de expressar o equivalente a “eu e você” ou “nós”, em espanhol não se usa “la gente” nas mesmas condições, mas no que em língua portuguesa equivaleria a “o povo” ou “as pessoas”. Por isso, mais do que o poema Cárcere, consideramos o poema E-mail seriamente prejudicado pela escolha terminológica em sua tradução. A justificativa, assim, de que o ritmo tenha sido o motivo dessas escolhas não nos parece convincente, denotando uma tentativa de o tradutor se eximir das suas próprias limitações no conhecimento dos idiomas.

Nem tudo, porém, são tropeços na composição dessa *Antología...* Em sua arquitetura geral, prevalece a quantidade de acertos. Um deles, está na escolha do poema transcrito a seguir, emprestado do livro *No acampamento das sombras* (2001):

Roteiro geográfico

Tome este mapa
E vá até a Rua Theopompo de Almeida 122
Lá na escadaria do casarão de 1920
Há um menino triste sentado à sua espera
Sente-se confortavelmente e ouça sua história (MATOS, 2016, p. 84).

A tradução:

Guía geográfica

I SEMINÁRIO
DE PRÁTICAS DE ENSINO
DE LÍNGUAS E LITERATURAS
NO ÂMBITO DO PARFOR

Tome este mapa

Y vaya hasta la Rua Theopompo de Almeida 122

Allí en la escalinata del caserón de 1920

Hay un niño triste sentado a su espera

Siéntese confortablemente y escuche su historia (MATOS, 2016, p. 85).

Nestes versos, assim como em *Via crucis*, poema de Narlan Matos analisado por nós noutro artigo (ALBUQUERQUE, 2014), há indicação explícita da rua onde nasce e cresce o poeta. Não é incomum a referência a lugares e situações de memória na literatura do autor, oriundo de Itaquara-Bahia. Em Roteiro geográfico, o leitor recebe as coordenadas e é convidado a se inteirar das histórias de alguém triste e ao mesmo tempo disposto a não deixar seu interlocutor desconfortável. Assim nos é revelada sua poesia, nas mais diversas temáticas. A introspecção do eu lírico não se fecha na obscuridade individualista, mas revela-se abertamente, para compartilhar, demonstrar, ensinar a quem está disposto a ouvir, sobre as belezas e as mazelas, interiores e do mundo. A linguagem poética é aproximativa e, antes de tudo, convidativa à escrita cuidadosa de quem sabe jogar com as possibilidades mais profundas e eloquentes da palavra.

Do livro *Elegia ao Novo Mundo* (2012), elegemos os últimos versos do poema *As crianças da noite* e sua tradução *Los niños de la noche*, para finalizamos nossa exposição sucinta de alguns aspectos da escrita de Narlan Matos. Vejamos:

[...]

o que há de errado em seus olhares?

o que há de breu em seus sorrisos?

nas favelas do Rio de Janeiro e nas favelas da Jamaica

nas esquinas do Cairo, Manágua e Katmandu

nos bananais do Equador e da Guatemala

nas fazendas de borracha do Brasil

nos solos afiados do Oriente Médio

nas periferias de Saigon San Salvador e Hanói

algo me dói me corrói

eu ouço o grito desesperado das crianças da noite (MATOS, 2016, p. 124).

[...]

¿qué hay de errado en sus miradas?

¿qué hay de brea en sus sonrisas?

en las favelas de Río de Janeiro en la [sic] favelas de Jamaica

en las esquinas de El Cairo, Managua y Katmandú

en los bananales de Ecuador y de Guatemala

28 A 30 SET 2017

UNIOESTE - CAMPUS CASCAVEL

I SEMINÁRIO
**DE PRÁTICAS DE ENSINO
DE LÍNGUAS E LITERATURAS**
NO ÂMBITO DO PARFOR

*en las haciendas de caucho de Brasil
en los suelos afilados de Oriente Medio
en las periferias de Saigón San Salvador Hanoi
algo me duele algo me corroe*

yo oigo el grito desesperado de los niños de la noche (MATOS, 2016, p. 125).

Aqui há a presença de uma voz poética que enfrenta as complexidades sociais e históricas das crianças em todo o mundo. Em um dos quatro poemas inéditos da *Antología...*, *Infantes da Palestina/Infantes de Palestina* (p. 154-157), a temática volta sob a peso implacável dos versos em caráter de denúncia. Isso demonstra que a poesia de Narlan Matos, intimamente universal, enuncia o grito do poeta contemporâneo que não desiste de lançar voos, para além das prisões e dos crimes cotidianos que afetam todos nós, em alguma medida.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A *Antología poética bilíngüe* (2016), dedicada à parte da obra do escritor brasileiro Narlan Matos, nos leva a reflexões que ultrapassam as elucubrações dos textos iniciais, assinados por diferentes pessoas envolvidas na publicação, e as particularidades comparativas suscitadas na leitura dos poemas originais ao lado dos poemas traduzidos. Ao vir à tona, em edição europeia, uma arte literária de autoria, linguística e, em grande parte, contextualmente latino-americana, estamos diante de um exemplo de caminho inverso que, em todo o período colonial, não admitiu-se dedicar atenção expansionista às produções locais, em detrimentos das importações impositivas das metrópoles ibéricas. Apesar das independências políticas nos países da América Latina, desde o século XIX ainda sofremos com a herança, o desenvolvimento e a manutenção de mentalidades colonizadas, com raras exceções em um e outro lado do Atlântico.

Narlan Matos, portanto, mais do que uma voz solitária da poesia brasileira, de fins do século XX e inícios do XXI, ao dialogar com a crítica e com leitores de várias partes do mundo, traz a público toda a densidade de seus poemas que, aos poucos, ganham visibilidade em espaços muito além da irônica e quase invisibilidade em seu próprio país. Sinceridade, competência e elevada carga de intimidade literária, estão presentes em sua arte que até o momento, estão sendo percebidas pelo olhar

estrangeiro. Um exemplo incontestado está na *Antología...* que trouxemos para este estudo. Propomos, assim, um convite para conhecermos um pouco da obra e do percurso desse poeta, como uma via significativa para pensarmos nos processos problemáticos da descolonização.

4 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Adenilson B. Os nossos quintais e a poesia de Naran Matos em Elegia ao Novo Mundo e outros poemas. **LLJournal**. vol. 9, núm. 1. New York, 2014.

ALBUQUERQUE, Adenilson B. Memória e identidade no poemas *A via crucis* e *Numa praia deserta da Califórnia*, de Naran Matos. **Anais da 17.^a JELL**. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2014.

MATOS, Naran. **Antología poética bilíngüe [1997-2016]**. Espanha: Maolí Editorial, 2016.

MATOS, Naran. **Um alaúde, a península e teus olhos negros**. Guaratinguetá: Penalux, 2017.

NARAN MATOS TEIXEIRA. Disponível em <http://www.naranmatos.com/> Acesso em 04/10/2017.